

O Ensino de Sociologia na Rede Pública na Região de Toledo/PR: Professores, Trajetórias e Métodos.

Eric Gustavo Cardin¹

RESUMO: O caráter de obrigatoriedade da disciplina de Sociologia nos currículos escolares adquirido recentemente não apenas ampliou o interesse pela temática do ensino, mas fez com que a revitalização de tal discussão fosse necessária. Logo, os objetivos do ensino e as metodologias adotadas retornaram aos espaços de discussão, assim como a reflexão sobre a formação dos professores atualmente em exercício. O objetivo principal deste artigo é mapear e fazer as primeiras análises do perfil dos professores de Ciências Sociais da Rede Estadual de Educação na região do município de Toledo/PR e, de forma secundária, ampliar suas observações para compreender o posicionamento destes profissionais diante dos obstáculos cotidianos das práticas de ensino. As propostas educacionais, as resistências enfrentadas, as metodologias adotadas e os esforços em garantir um aperfeiçoamento constante são alguns dos pontos abordados neste estudo. Para tanto, foram realizadas onze entrevistas com professores que lecionam a disciplina na região de interesse durante os primeiros meses de 2010. Levando em consideração o desenvolvimento de um olhar qualitativo para as informações recolhidas, o número de entrevistas realizadas foi atingido através da saturação das respostas dadas, a coleta foi interrompida no momento em que a aproximação ou a semelhança entre as respostas tornou-se constante. O instrumento de pesquisa utilizado correspondeu a um questionário semi-estruturado contendo dezoito questões abertas respondidas por escrito pelos próprios professores. A intenção foi garantir uma maior liberdade aos participantes da pesquisa e permitir aos mesmos uma reflexão sobre suas próprias práticas na medida em que atendiam ou respondiam as indagações realizadas.

PALAVRAS-CHAVES: Sociologia – Ensino – Formação.

ABSTRACT: The mandatory character of the discipline of sociology in the school curriculum recently acquired not only increased the interest in the area of education, but made the revitalization of such discussion necessary. Therefore, the objectives of the teaching methodologies adopted and returned to space for discussion, as well as reflection on the training of teachers currently in office. The main purpose of this article is to make the first analysis of the profile of teachers of social science at the municipality of Toledo/PR and, secondarily, to extend their observations, to extend their observations to understand the placement of these professionals face daily obstacles of teaching practices. The educational proposals, the resistance encountered, the methodologies adopted and efforts to ensure continuous improvement are some of the points addressed in this study. For both, there were eleven's interviews with teachers who teach the discipline in the region of interest during the first months of 2010. Taking into account the development of a quality look to the information collected, the number of interviews was achieved by saturation of the responses, the collection was interrupted for the approach of similarity between the responses became constant. The survey instrument used corresponded to a semi-structured questionnaire.

containing eighteen open-ended questions answered in writing by teachers themselves. The intention was to ensure greater freedom to research participants and enable them to reflect on their own practices in the mediated who attended or responded to inquiries made.

KEYWORDS: Sociology – Education – Training.

1 – INTRODUÇÃO.

Embora o ensino de Ciências Sociais tenha sido tema de algumas publicações ao longo do Século XX, o caráter de obrigatoriedade da disciplina nos currículos escolares adquirido em 2008 não apenas ampliou o interesse pela temática, mas fez com que a revitalização de tal discussão fosse necessária. Neste sentido, os objetivos do ensino e as metodologias adotadas retornaram aos espaços de discussão, assim como a reflexão sobre a formação dos professores atualmente em exercício. Sem embargo, o objetivo principal deste artigo é mapear e fazer as primeiras análises do perfil dos professores de Ciências Sociais da Rede Estadual de Educação na região do município de Toledo/PR e, de forma secundária, ampliar suas observações e considerações para compreender o posicionamento destes profissionais diante dos obstáculos cotidianos das práticas de ensino. Os objetivos da educação, as resistências enfrentadas, as metodologias adotadas e os esforços em garantir um aperfeiçoamento constante são alguns dos pontos abordados neste estudo.

Para tanto, foram realizadas onze entrevistas com professores que lecionam a disciplina na região de interesse, mais precisamente oito mulheres e três homens de diferentes idades, durante o primeiro semestre de 2010. Levando em consideração o desenvolvimento de um olhar qualitativo para as informações recolhidas, o número de entrevistas realizadas foi atingido através da saturação das respostas dadas, ou seja, a coleta foi interrompida no momento em que a aproximação ou a semelhança entre as respostas tornou-se constante. O instrumento de pesquisa utilizado correspondeu a um questionário semi-estruturado contendo dezoito questões abertas respondidas por escrito pelos próprios professores. A intenção foi garantir uma maior liberdade aos participantes da pesquisa e permitir aos mesmos uma reflexão sobre suas próprias práticas na mediada em que atendiam ou respondiam as indagações realizadas. A organização do artigo em três eixos centrais acompanha a estrutura do roteiro oferecido aos professores.

2 - O PERFIL DOS PROFESSORES.

Durante muitos anos a disciplina de Sociologia foi trabalhada por profissionais das mais diferentes áreas do saber na região oeste do Estado do Paraná. Pedagogos, historiadores, geógrafos, filósofos e até matemáticos se

aventuravam na missão de despertar nos estudantes a imaginação sociológica. Esta curiosa situação inicial alimentava a existência de um quadro docente extremamente heterogêneo. Professores de idades e formações diferentes, com domínios e interesses muitas vezes distantes daqueles recomendados para o ensino de uma disciplina que tem como intuito possibilitar ao jovem o reconhecimento de que ele é um sujeito histórico, capaz de construir conhecimentos e intervir no processo histórico. No entanto, esta realidade vem mudando rapidamente. A recente obrigatoriedade do ensino de Sociologia e a consolidação do curso de licenciatura em Ciências Sociais vêm trazendo um conjunto de “fatos novos” para modificar esta delicada situação.

As entrevistas realizadas com os professores que atuam na região de abrangência do Núcleo de Educação de Toledo vêm apontando para duas questões significativas: 1) um rápido processo de homogeneização dos professores e; 2) o papel significativo que a Universidade Estadual do Oeste do Paraná está tendo na formação dos educadores que atuam na região. Neste sentido, destacam-se no perfil dos profissionais a idade, o estado civil, a religião e a formação dos mesmos. Em grande medida, suas trajetórias demonstram um ingresso prematuro na docência, que é atenuado pelos esforços pessoais na formação continuada e no aperfeiçoamento teórico metodológico. Foram entrevistados três homens e oito mulheres, com as idades variando de 23 a 43 anos.

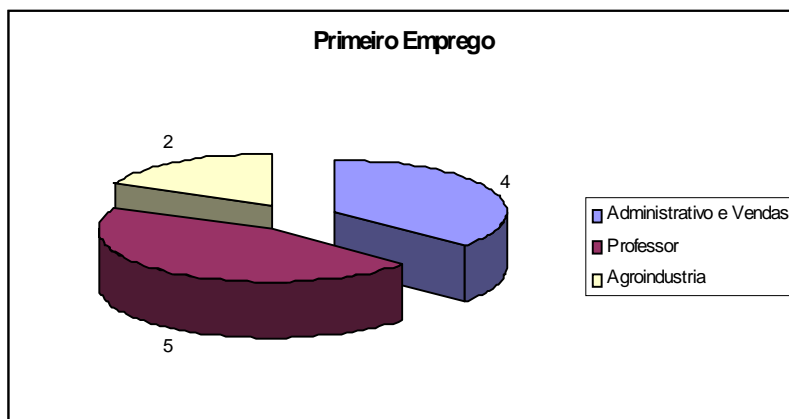
Tabela 01: Gênero e Idade

Entrevistado	Gênero	Idade
A	Feminino	29
B	Masculino	26
C	Feminino	28
D	Feminino	35
E	Feminino	27
F	Masculino	43
G	Feminino	28
H	Feminino	24
I	Feminino	23
J	Feminino	25
L	Masculino	43

As informações coletadas demonstram que sete das entrevistadas possuíam menos de 30 anos no momento em que responderam o questionário, enquanto que entre os homens apenas um estava nesta faixa etária. A professora que completou

as entrevistas realizadas possuía 35 anos na época, enquanto os dois outros homens 43. Todos os entrevistados admitiram ter algum tipo de fé religiosa, sete deles se declaram católicos, um evangélico, dois luteranos e um cristão. O processo de colonização e povoamento da região, fundamentalmente composto por migrantes de origem italiana e alemã, pode ser considerado uma das variáveis mais importantes na compreensão deste fenômeno. Desta forma, é possível afirmar a existência de certa homogeneidade em relação ao gênero, a idade e também à religiosidade.

A trajetória profissional dos professores também é bastante reveladora e pode ser compreendida quando levamos em consideração a idade e o tempo de atuação dos professores entrevistados nesta pesquisa. Um pouco menos da metade dos profissionais nunca desenvolveram outro ofício antes de lecionar, quatro atuaram em setores administrativos e vendas, enquanto que dois trabalhavam em atividades vinculadas a agroindústria. Os mais velhos correspondem àqueles possuidores de outras experiências profissionais e também aos que estão atuando como professores há mais tempo. Por outro lado, a ausência de profissionais devidamente habilitados a lecionar a disciplina de Sociologia até muito pouco tempo atrás faz com que uma parcela significativa dos professores seja jovem e tenha na docência o primeiro emprego, reforçando o papel do curso de Ciências Sociais no oferecimento de quadros aptos a atuarem no ensino.



Entretanto, a mudança mais substancial no quadro de professores na região diz respeito à formação dos professores, dos onze entrevistados dez são graduados em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Logo, é possível afirmar que o caráter de obrigatoriedade da disciplina ampliou o mercado de trabalho para os profissionais da área e legitimou o ensino por profissionais devidamente qualificados. Estabelecendo um paralelo com a realidade nacional,

constata-se que a situação local apresenta-se em uma situação bem mais positiva, já que apenas 12% dos professores que lecionam a disciplina no Brasil são licenciados (Handfas, 2009, p. 187). Contudo, o número de profissionais pertencentes ao Quadro Próprio do Estado do Paraná ainda é reduzido, apenas quatro dos entrevistados eram concursados, os demais todos atuavam através de processo seletivo. Tal situação está longe do ideal ao dificultar a elaboração e a manutenção de projetos, a formação continuada e os vínculos dos profissionais com as comunidades onde atuam.

O tempo de atuação dos entrevistados varia entre dois e seis anos, porém um pouco mais da metade, exatamente 07 professores, lecionam no máximo há três anos. Especificamente, 04 atuam a dois, 03 a três, 01 a quatro, 02 a cinco e 01 a seis anos. A idade dos profissionais, o tempo de atuação e as dificuldades metodológicas próprias do ensino de Sociologia faz com que a grande maioria dos professores tenha uma preocupação muito explícita com a formação continuada. Nove dos entrevistados participam dos programas de qualificação oferecidos pela Secretaria da Educação do Paraná. No que se refere à titulação, um possui apenas graduação, oito possuem especialização, um é aluno regular no curso de mestrado e outro já o tem concluído. De maneira geral, é possível acreditar que as características apresentadas dos professores contribuem de forma positiva na consolidação da disciplina nos currículos de ensino.

A inconstância da Sociologia nas escolas de educação básica ao longo da história do país e a importância sempre mais acentuada atribuída aos cursos de bacharelado em Ciências Sociais nas Universidades inibiram a elaboração de estudos mais sistemáticos sobre o ensino, o desenvolvimento de metodologias e a produção de recursos pedagógicos específicos para a área. Logo, as publicações existentes aparecem em quantidade limitada e, muitas vezes, com qualidade duvidosa. Como observam Oliveira e Costa (2009, p. 161), a Sociologia:

não tem uma tradição pedagógica, no que se refere ao planejamento de ensino, práticas de ensino e avaliação de aprendizagem, como têm outras disciplinas obrigatórias. Em segundo lugar, a tradição acadêmica, em âmbito universitário, raramente refletiu sobre a denominada transposição didática dos conteúdos sociológicos no nível básico de ensino.

Tal situação reforça a necessidade dos cursos de licenciatura estarem vinculados aos de bacharelado para garantir a formação de professores produtores de conhecimento. As ausências de recursos pedagógicos, livros didáticos de maior qualidade e conteúdos curriculares mais bem definidos fazem com que o papel do professor não possa ser desassociado do trabalho do pesquisador. Educação e pesquisa dentro do ensino de Sociologia são dimensões de um mesmo universo, a

produção de conhecimento. Como observa Pedro Demo (2007, p. 07):

A aula que apenas repassa conhecimento, ou a escola que somente se define como socializadora de conhecimento, não sai do ponto de partida, e, na prática, atrapalha o aluno, porque o deixa como objeto de ensino e instrução. Virar treinamento. É equívoco fantástico imaginar que o “contato pedagógico” se estabeleça em ambiente de repasse e cópia, ou na relação aviltada de um sujeito copiado (professor, no fundo também objeto, se apenas ensina a copiar) diante de um objeto apenas receptivo (aluno), condenado a escutar aulas, tomar notas, decorar, e fazer prova. A aula copiada não constrói nada de distintivo, e por isso não educa mais do que a afoca, a conversa fiada dos vizinhos, o bate-papo numa festa animada.

Neste contexto, a imaturidade do ensino de Sociologia e a falta de um processo de formação de professores mais bem desenvolvido correspondem a um estágio importante na consolidação da disciplina no ensino médio, pois oportuna, por necessidade, a existência de professores investigadores. Resta fazer que esta situação ou este perfil se consolide como um pressuposto definitivo nos cursos de Ciências Sociais, onde o licenciado em Sociologia necessariamente corresponda a um professor-pesquisador e não um reproduzidor de materiais didáticos construídos fora do local onde o processo de ensino e aprendizagem esteja sendo desenvolvido. Novamente recorrendo a Pedro Demo (2007, p. 10) constata-se que:

A educação pela pesquisa consagra o questionamento reconstrutivo, com qualidade formal e política, como traço distintivo da pesquisa. Numa parte, é mister superar a visão unilateral de considerar como pesquisa apenas seus estágios sofisticados, representados pelos produtos solenes do mestre ou do doutor. Noutra parte, pesquisa precisa ser internalizada como atitude cotidiana, não apenas como atividade especial, de gente especial, para momentos e salários especiais. Ao contrário, representa, sobretudo, a maneira consciente e contributiva de andar navida, todo dia, toda hora. Por outra, pesquisa não é qualquer coisa, papo furado, conversa solta, atividade largada. Seu distintivo mais próprio é o questionamento reconstrutivo. Este é o espírito que se passa a pesquisa, realizando-se de maneiras diversas conforme o estágio de desenvolvimento da pessoa.

Os “novos professores” trabalhando uma “nova disciplina” fazem com que os cursos de formação *docente* sejam fundamentais, pois cabe a estes definirem o perfil dos futuros profissionais, manterem vivo a necessidade de qualificação constante e ressaltarem a importância da investigação no cumprimento dos objetivos escolares, pois “a pesquisa inclui sempre a percepção emancipatória do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, à medida que começa a se reconstituir

pelo questionamento sistemático da realidade” (Demo, 2007, p. 08). A condução da disciplina no interior dos estabelecimentos de ensino depende da forma no qual os professores observam suas práticas e os objetivos do ensino, aqui, mais do que nunca, prática precisa ser entendida e conceituada como *práxis*. Como qualquer atividade de pesquisa, o ensino obrigatoriamente depende de objetivos claros, pois são estes que definem os meios, os processos de avaliação a serem desenvolvidos e os esforços para superar os obstáculos cotidianos (Cardin, 2008).

3 - AS CIÊNCIAS SOCIAIS NA ESCOLA.

De maneira geral, os objetivos da disciplina atribuídos pelos professores possuem uma grande aproximação. Ela tende a não ser vista de forma instrumental ou respondendo a necessidades imediatas e concretas da realidade vivida. As respostas tendem a atribuir missões amplas como formar cidadãos, “desnaturalizar” a realidade e formar pessoas críticas, colocando o senso comum como o grande vilão na formação dos estudantes. Próximos disso, Fraga e Bastos (2009) chamam a atenção para o fato de que os defensores do ingresso da disciplina nos currículos de ensino médio atribuem a ela dois papéis centrais na formação discente: a formação do estudante para a crítica e a formação para a cidadania. Ambas as perspectivas são presentes nas respostas dos professores de Sociologia que atuam na região do município de Toledo/PR.

Os entrevistados tendem a afirmar que despertar o pensamento crítico nos estudantes é uma etapa do processo na formação dos cidadãos. O Professor B enxerga um papel bem objetivo para a disciplina. Na sua concepção o mínimo que ela pode fazer é “despertar o senso crítico social nos alunos para aqueles que ainda não o tem e aguçar para aqueles que já gozam dessa experiência”. Ampliando um pouco, a Professora A coloca que o objetivo “é a construção de sujeitos autônomos, reflexivos, críticos de sua própria realidade”. No mesmo sentido, a Professora C acredita que a disciplina precisa “desnaturalizar os fatos sociais, tentar despertar no aluno o senso crítico para que ele atue de maneira mais ativa junto à sociedade”, a Professora H “trazer para sala de aula temas que cercam a vida dos estudantes com um cunho mais científico, sair um pouco do senso comum e ter uma maior percepção da realidade que nos cerca” e a Professora J “formar cidadãos com opiniões críticas mais apuradas e ter uma visão diferenciada da sociedade na qual vivemos”.

No entanto, existem aqueles que acreditam que a missão da disciplina não é apenas formar pessoas críticas, mas libertar os estudantes dos preconceitos e formar sujeitos capazes de “transformar a sociedade”. Neste sentido, a Professora E afirma que o objetivo da Sociologia é “desenvolver o senso crítico dos indivíduos, libertando-os do senso comum”, o Professor F “construir uma nova forma de olhar

para a sociedade, em que os indivíduos percebam que sua ação pode fazer a transformação” e a Professora G “despertar o senso crítico, resgatar valores, fazer com que se identifiquem como sujeitos portadores de poder de escolha e de mudança na sociedade”. A Professora D amplia ainda mais essa concepção, atribuindo a Sociologia um lugar de destaque na construção de outro mundo. Segundo ela, o objetivo da disciplina é:

fazer com que os alunos (as) comecem a se preocupar um pouco mais com o mundo no qual vivemos, principalmente esta geração atual que quer as coisas todas prontas ou copiadas, principalmente quem tem acesso total as novas tecnologias, a obrigação do professor é fazer com que eles percebam que a Sociologia não é uma matéria “chata”, como a maioria diz, mas sim um novo caminho (princípio norteador) nesta nova sociedade globalizada.

Ainda no que se referem aos objetivos, dois professores ampliam suas tarefas destacando que além de desenvolver o senso crítico caberia a disciplina fornecer subsídios para os alunos entenderem o funcionamento da sociedade. A Professora I aponta que a “Sociologia desempenha o papel de focalizar os problemas que moldura a realidade, questionando e buscando respostas múltiplas para a construção de caminhos viáveis para convivência coletiva, ou seja, construir um saber voltado para a compreensão da vida do ser humano em grupo e para as regras e fundamentos da sociedade”. Já Professor L sinaliza para diversas questões. Segundo ele é objetivo da disciplina:

preparar os estudantes para o exercício da cidadania, desenvolver a autonomia intelectual e o pensamento crítico, incentivar o aluno a observar que a vida particular está veiculada à sociedade e que seu dia a dia se relaciona a acontecimentos próximos e distantes, no tempo e no espaço, compreender os fundamentos científico – tecnológico dos processos produtivos relacionando a teoria com a prática, oferecer subsídios aos alunos para que compreendam que os seres humanos passam a vida ligados a grupos, classes e instituições sociais, proporcionando o entendimento de que somos membros de um grupo social que pode ser étnico, econômico, político e apresentar aos alunos discussões que levem a compreender o contexto social e o lugar dos diversos grupos, classes e instituições na sociedade, desenvolvendo uma maior sensibilidade para entender os problemas sociais que os rodeiam.

Fraga e Bastos (2009) indicam que a perspectiva que caberia a Sociologia formar sujeitos críticos e cidadãos desconsidera as trajetórias individuais dos estudantes ao conter no seu interior a idéia de que a disciplina é um divisor, um marco que separaria uma vida até então alienada para um renascimento iluminado

através dos conhecimentos científicos. Segundo os autores, ser crítico e ser cidadão envolve “práticas e valores diários, que são aprendidos também fora da escola” (Fraga e Bastos, 2009, p. 174). Neste sentido, cabe a disciplina formar o estudante para a reflexão sobre a realidade social, desenvolvendo a prática como práxis. Durante a cotidianidade todos vivenciam momentos propícios para o desenvolvimento da capacidade crítica e argumentativa, porém o que falta são os instrumentos adequados para isso, como também o simples hábito de análise. Neste sentido, os conhecimentos sociológicos historicamente desenvolvidos poderiam servir para este fim.

As tentativas de cumprir com estes objetivos encontram inúmeros obstáculos. A falta de tradição da disciplina, o desinteresse dos estudantes e o pouco caso dos demais profissionais na educação em relação aos conteúdos sociológicos são os aspectos mais levantados pelos professores entrevistados. A resposta da Professora A resume bem esta situação. Segundo ela,

o primeiro desafio foi (e ainda é) desconstruir a idéia de que a Sociologia “não serve pra nada”. Inacreditável, mas ainda encontramos muita gente com esse nível de pensamento. E posso dizer ainda que essa forma de pensar é mais forte entre professores do que entre alunos... Enfim, outra dificuldade, mas que está sendo sanada é a quantidade de horas/aulas, insuficientes. E por último, a falta de materiais didáticos.

Observando as dificuldades apontadas pelos professores identifica-se uma situação preocupante, pois de maneira geral eles depositam a responsabilidade para os problemas enfrentados aos outros sujeitos presentes nas relações de ensino/aprendizagem. Assim, destacam-se duas situações, na primeira os colegas de trabalho são os principais empecilhos para as práticas de ensino de Sociologia e na segunda os próprios estudantes. No interior da primeira perspectiva, a Professora E afirma que o “preconceito por parte de alguns professores que vêem como disciplina inútil” e a “falta de tradição da disciplina na educação” trazem “certa resistência por parte dos alunos”. O Professor F acredita que “o pouco material didático” e “a pouca valorização dada a disciplina pelos outros professores” são os principais obstáculos para o ensino de Sociologia. Dentro de uma perspectiva semelhante, a Professora G afirma que “a banalização por outros colegas de trabalho” é a principal dificuldade, enquanto a Professora H acredita esta é alimentada pela “falta de tradição no cenário escolar”, “a falta de matérias disponíveis” e pela “incompreensão de professores de outras disciplinas em relação à Sociologia”.

Por outro lado, o interesse e a formação dos estudantes são problemas também levantados pelos entrevistados. A Professora D acredita que a “falta de interesse dos alunos (as), motivação, apatia a novas aprendizagens, falta de material

didático de qualidade e os profissionais sem qualificação atuando como professores de Sociologia” são alguns dos obstáculos. Aproximando-se disso, a Professora J fala que “os alunos têm dificuldades para expressar sua opinião, pois são muito acomodados e sentem preguiça para pensar” e o Professor L acredita que a “falta de leitura dos alunos” e o “desinteresse em pensar sobre os problemas relacionados à Sociologia” são algumas das dificuldades principais. O Professor B sintetiza de forma objetiva e direta estas posições expressas pelos demais professores, apontando que “em 98% dos casos, a falta de comprometimento dos alunos” é a principal dificuldade, “pois não gostam de ler e de refletir” e isso “os tornam alheios à disciplina e à discussão que está acontecendo com a minoria”. Desta forma, “as exclamações pejorativas em torno das disciplinas (não só a Sociologia) são constantes”. Concluindo, o professor afirma “que a “ignorância” dos nossos alunos gera o descomprometimento em sala de aula”.

Dois outros professores ampliam o olhar sobre a questão e apresentam respostas que envolvem inúmeros obstáculos, mas, mais importante que isso, eles começam a apontar uma visão mais sistêmica para a maneira que ocorreu a implantação da disciplina nos currículos da educação básica.

A Professora C, por exemplo, quando indagada sobre as dificuldades encontradas no ensino da disciplina responde que:

as dificuldades são muitas, mas houve avanços, a implantação da disciplina nas três séries do ensino médio é uma delas. Mas ainda temos dificuldades, pois na maior parte das escolas do Paraná, os professores que ministram a disciplina são formados em outras áreas, o que compromete significativamente a qualidade do ensino ofertado. A SEED tem oferecido poucos cursos de aperfeiçoamento na área, sentimos falta de formações continuadas voltadas especificamente para a área. A Universidade que poderia oferecer cursos de Pós-Graduação específicos para os professores de Sociologia também não nos oferece essa oportunidade.

A colocação da professora chama atenção para três aspectos importantes. Diferentemente do que ocorre na região do município de Toledo-PR, em outras localidades do Estado do Paraná e do Brasil ainda predominam professores formados em outras áreas lecionando a disciplina de Sociologia, além disso, o pouco acompanhamento dado aos novos professores de Sociologia pela Secretaria da Educação e a falta de comprometimento das universidades com o processo de formação continuada para os seus egressos são relevantes. A Professora I também apresenta um olhar mais ampliado sobre a questão.

Partindo da minha experiência, acho que as dificuldades no ensino hoje não podem ser voltadas somente à Sociologia, mas sim, a todas as disciplinas. A

completa falta de interesse e a falta de educação dos educandos estão fortemente presentes em todas as aulas. O professor precisa freqüentemente encontrar alternativas viáveis para a conquista dos alunos e assim buscar com que esses consigam se interessar pela disciplina. Mas, em relação à Sociologia, vejo que ainda falta muito preparo e amparo aos professores. Muitos não são formados na área e acabam "banalizando" o modo de ensinar e as teorias sociológicas, levando aos alunos, reportagens de revistas e atividades banais. Além disso, a partir deste ano, quando foi instituída o ensino nos três anos do Ensino Médio (*até que enfim!*), inicialmente faltou orientação aos professores. Eu, particularmente, busquei ajuda no NRE, mas, sei que muitos professores começaram a trabalhar conforme seus próprios anseios. Então, em uma mesma escola, dois professores acabaram trabalhando assuntos diferentes no mesmo período de tempo e na mesma seriação. Outra grande dificuldade é o livro didático, que não é satisfatório quanto aos conteúdos a serem trabalhados, além de muitas escolas ainda não terem à disposição estes materiais para todos os educandos. Os novos livros (revisados) que deveriam ter chegado no início do primeiro bimestre, ainda não chegaram.

Concentrar ou direcionar a responsabilidade das dificuldades a sujeitos isolados e, em uma pior situação, colocar o estudante, que é o principal responsável e interessado nas relações de ensino aprendizagem, como principal suspeito do fracasso escolar empobrece as leituras sobre a realidade educacional. Neste sentido, é preciso destacar que cabe a todo o professor e, especialmente ao professor de Sociologia, praticar a Sociologia da Educação. Em outras palavras, responder e entender os limites da disciplina de forma atomizada ou unilateral exclui um conjunto de possibilidades de análises e dificulta uma tomada de posição mais clara e coesa dos professores diante dos desafios da educação. O não desenvolvimento de uma análise de conjuntura ou dos processos históricos que fomentam a realidade educacional vivenciada dificulta o estabelecimento de relações de ensino aprendizagem mais apropriadas, como também a própria superação das condições concretas de atuação.

4 - AS METODOLOGIAS DE ENSINO ADOTADAS.

A definição dos conteúdos escolares, adoção de metodologias diferenciadas e a produção de recursos pedagógicos apropriados as distintas realidades sociais perpassam pela análise cuidadosa do professor do universo em que está inserido. Assim, todos os elementos que fazem parte da prática pedagógica são concatenados ao processo de investigação do professor-pesquisador, logo cabe a este uma visão ampliada e crítica dos processos educacionais. Como afirma Silva (2009),

a consolidação das metodologias de ensino de Sociologia depende, por um lado, de fatores ligados à constituição do campo escolar, ou seja, de como o sistema de ensino está organizado e estruturado em termos e condições de trabalho pedagógico e da concepção de escola e de currículo e, por outro, de fatores ligados a constituição do campo das ciências sociais que informa os conteúdos a serem selecionados no campo escolar (Silva, 2009, p. 64).

A falta de observações mais gerais referentes ao sistema educacional e as relações de ensino aprendizagem abre espaço para o desenvolvimento de uma lacuna entre a realidade da sala de aula e o processo educativo mais abrangente. Para o desenvolvimento de novas metodologias é necessário clareza nos vínculos existentes entre o cotidiano escolar e a estrutura social que garante o suporte do sistema educacional. Caso contrário, as práticas pedagógicas ficam descoladas da realidade, tornando-se apenas mecanismo de reprodução e não de construção de conhecimento ou, em outras palavras, tornam-se apenas mecanismos elaborados para “absorção” mais agradável de verdades elaboradas fora do mundo vivido pelos estudantes, onde estes aparecem como meros coadjuvantes no processo de construção do conhecimento. De maneira geral, a maneira na qual os professores pensam a metodologia utilizada em sala parte inicialmente da problematização do livro didático, principalmente dos seus conteúdos.

A Professora A utiliza o “livro didático e complementa com outros recursos que ela mesma desenvolve”, a Professora C “o livro do Pêrsio” e “outras matérias, como vídeos, slides, internet”, a Professora D “o livro didático público e o livro do Pêrsio”, complementando com revistas e recortes da internet. A Professora G também “utiliza o livro didático público, além de outros livros e internet” e a Professora H “o livro didático do Estado e o de Eva Lakatos”. A Professora I utiliza “o livro disponibilizado pelo governo do Estado como base e o livro “Sociologia” de Anthony Giddens. Além de textos de sites da internet e outros materiais, como apresentação de slides, filmes e vídeos pertinentes aos temas a serem trabalhados”. A Professora J utiliza o livro “disponibilizado pelo Estado e outros de apoio, além de vídeos, textos complementares e filmes”. O Professor L utiliza diferentes livros como, por exemplo, o “Didático Público”, a “Introdução à Sociologia - Pêrsio Santos de Oliveira” e o “Sociologia para o Ensino Médio - Nelson Dacio Tomazi”, “além de revistas, jornais, apostilas e filmes”.

Com exceção do Professor B, que afirmou utilizar o livro didático raramente, e do Professor F, que afirmou utilizar a apostila desenvolvida por ele mesmo, todos os demais entrevistados afirmaram usar o livro didático como apoio. Sobre isso é importante destacar que o grande problema deste recurso é a maneira que ele é utilizado. O livro não deve ser a única ferramenta pedagógica adotada e nem pode ser considerada como detentora da verdade absoluta, necessariamente é

preciso utilizá-lo como fonte de pesquisa, sendo assim, vítima de críticas, de questionamentos e de contextualização. Neste sentido, é relevante observarmos que a perspectiva educativa que caminha em direção da utilização de outros recursos para complementar o livro tende a estar vinculada a uma abordagem “conteudista” do material existente, ou seja, o problema não é o fato de o livro apresentar o saber como uma verdade a-histórica, mas os escassos conteúdos que ele traz.

Não suficiente, a utilização do livro didático passa por outras leituras, constantemente eles são alvos de críticas devido ao fato das editoras insistirem “em livros enciclopédico, movidas que são por vender livros que possam servir a variados interesses” (Moraes, 2009, p. 21). A construção dos conteúdos expostos possui a finalidade de agradar diferentes interesses, possibilitando a utilização dos materiais no interior das escolas de ensino básico e também nas disciplinas de introdução a Sociologia na educação superior, por exemplo. O problema relacionado aos objetivos comerciais das editoras e das instituições produtoras dos recursos pedagógicos e o referente à utilização destes mesmos recursos sem uma devida postura investigativa, típica do pesquisador, reforça a necessidade dos cursos de licenciatura terem uma preocupação acentuada com o desenvolvimento de uma postura visando que os futuros licenciados tenham a habilidade de produzir os seus próprios recursos pedagógicos e consigam desenvolver uma educação que não desvincule o ensino da pesquisa (Moraes, 2009).

Outro aspecto significativo das respostas dos professores é a constante utilização da internet e de filmes, dois recursos que gradativamente se configuram como suportes tradicionais da disciplina. Desta forma, é necessário o incentivo de estudos metodológicos na busca de uma “otimização” de tais ferramentas, para garantir a fuga de duas situações que interferem diretamente na credibilidade do ensino: a internet como uma fonte de reprodução de informações e os filmes como um recurso unicamente utilizado para ilustrar determinados conteúdos. A tecnologia não deve ser utilizada unicamente para facilitar o acesso ou tornar agradável determinado assunto a ser debatido em sala. A adoção de tais recursos sem o devido cuidado metodológico pode ser tão prejudicial quanto à utilização de um livro didático usado de forma impensada. O professor precisa guardar e praticar a democracia nas relações de ensino e isso envolve entender o estudante como capaz de produzir saber. Assim, ao invés de assimilarmos expressões ideológicas já consolidadas, precisamos incentivar a pesquisa e a produção de novas expressões culturais e do conhecimento construído coletivamente (Nidelcoff, 1991).

Ao comentar suas experiências metodológicas, a Professora C valoriza os debates e a utilização de filmes em sala de aula. Sobre isso, explicita alguns cuidados e providências para o melhor aproveitamento da atividade, evitando assim que a mesma fique banalizada. Neste sentido, a entrevistada comenta sobre a necessidade de uma preparação anterior dos estudantes, apontando os objetivos

da prática proposta e contextualizando a produção que será transmitida durante o encontro.

As práticas em geral precisam ser adaptadas ao perfil das turmas, alunos do período noturno tem maiores dificuldades para realizar atividades extradasse, nesse caso temos de aproveitar o máximo das aulas e procurar realizar atividades durante a aula, neste sentido o debate é uma excelente ferramenta, lança-se um tema, colocam-se algumas questões e divide-se a turma em grupos menores, depois abre-se o debate para o grande grupo. Debates são interessantes para abordar as instituições sociais. Utilizar filmes que estejam de acordo com a proposta de trabalho também é uma excelente ferramenta, mas o filme não deve ser passado só por passar, antes de iniciar o filme é necessário preparar a classe para captar o que ele tem de importante no contexto social, a produção de uma análise dos alunos a partir de algumas questões sobre o filme ajuda a identificar o fato social que desejamos abordar com maior clareza.

As estratégias utilizadas pelos professores entrevistados tendem a passar pelo processo de aproximação dos conteúdos escolares à vida cotidiana dos alunos. Nesta perspectiva, o Professor L afirma que sempre procura “relacionar as teorias sociológicas com a vivência do aluno em sociedade. Para que ele possa construir sua imaginação sociológica e compreender a sociedade em que vive e tornar-se um agente transformado da sociedade, autônomo e crítico”. A Professora D também busca estabelecer esta relação, valorizando as possibilidades midiáticas existentes.

Eu gosto muito de solicitar apresentação de seminários, principalmente quando abordamos a temática das instituições sociais. Como eu cobro além do conteúdo, criatividade e apresentação oral e hoje já temos a TV Pendrive, e, algumas escolas o multimídia, muitos alunos tem feito trabalhos muito criativos e conseguiram explicar o conteúdo sem nenhuma dificuldade, principalmente trazendo exemplos e explicações pertinentes ao tema e remetendo-os à sua própria realidade.

A Professora J também busca fortalecer a relação dos conteúdos sociológicos com a cotidianidade dos alunos. Utilizando dos recursos oferecidos pela Secretaria do Estado da Educação, ela tenta “mostrar ao aluno a importância da Sociologia no seu cotidiano como forma de liberdade de opinião”, buscando “construir consciências mais críticas em relação à sociedade na qual estamos inseridos”. A utilização de “debates” e de “dinâmicas” são os aspectos mais comuns na tentativa de despertar no aluno o interesse pela aula, além de envolvê-lo com os conteúdos necessários referentes à disciplina. Sobre isso, o Professor F lembra que “algumas turmas gostam de debate, enquanto outras gostam de fazer atividades em grupo” e a Professora afirma que “as práticas que são mais dinâmicas, em

geral, são bem sucedidas”. Neste sentido, ela oferece alguns exemplos de atividades desenvolvidas que obtiveram êxito, como “montar uma exposição de fotos tiradas no colégio que demonstre conceitos como socialização, controle social e relação social” e “brincadeiras para fixar conteúdo ou revisar, como passa ou repassa, onde os grupos disputam e quem tiver o maior número de acertos ganha o jogo”.

Nestas primeiras experiências comentadas destacam-se a necessidade de “preparação dos estudantes” para o desenvolvimento da proposta, seja ela vinculada à reprodução de um filme ou à realização de um debate, e o desenvolvimento de atividades no intuito de “reforçar” conteúdos já trabalhados, principalmente quando a metodologia adotada ou exemplo oferecido pelos professores é referente a dinâmicas e jogos em sala. Outro aspecto muito destacado nas entrevistas é a promoção de pesquisas por parte dos estudantes. Esta prática pode ser entendida quando observamos a relação dos professores com os recursos pedagógicos, principalmente com o livro didático, e também as características mais específicas do perfil dos profissionais, que, em grande medida, saíram das universidades há poucos anos e possuem uma proximidade ainda grande com as práticas de pesquisa devido à carência de acompanhamento pedagógico e de recursos mais específicos para o ensino de Sociologia. A Professora A, por exemplo, reforça a necessidade de estabelecer uma preparação dos estudantes para, em um segundo momento, os mesmos buscarem uma construção de conhecimento mais independente.

Após as aulas teóricas, a sala foi dividida em grupos e cada um pesquisou sobre um Movimento Social específico. O objetivo principal foi levar os alunos ao contato com as demandas ainda existentes em nossa sociedade, e como os MS são mecanismos de força e pressão para o atendimento a essas demandas. Claro, houve muita discussão, muito debate, conflitos de idéias, o que considero de extrema importância para a desmistificação e desnaturalização dos “pré-conceitos”, muito comuns ainda, infelizmente. Enfim, não considero minha função (nem da Sociologia) “impor” formas de pensar, mas o fato de fazer o aluno-sujeito pensar, compreender o processo historicamente. Mas afirmo, ainda sou aprendiz de professora.

De maneira modesta, a Professora A apresenta uma forma de trabalhar a temática dos movimentos sociais e expressa seus objetivos e inseguranças referentes à sua própria atuação. Levando em consideração que ela leciona a cinco anos, sendo assim uma das professoras mais experientes entrevistadas, o aspecto que consideramos mais significativo em sua fala é a afirmação final, quando afirma ser “aprendiz de professora”. Como destaca Paulo Freire (1987), o bom professor é aquele que se reconhece incompleto, é aquele que está disposto a caminhar junto ao estudante no processo de construção de conhecimento. É esta humildade no

reconhecimento do estágio de desenvolvimento do saber que garante a construção de uma relação pedagógica democrática, permitindo aos estudantes serem ativos nas relações educacionais e valorizando de maneira constante a curiosidade e o espírito investigativo. A Professora H também apresenta de forma minuciosa uma de suas experiências pedagógicas que envolvem pesquisas e dinâmicas, além de destacar a importância da avaliação no diagnóstico do sucesso da proposta.

Uma experiência que deu certo foi um seminário realizado pelos alunos sobre os autores Durkheim, Weber e Marx. Nessa idade não se tem muita paciência para escutar, foi feito, portanto, grupos de quatro ou cinco pessoas, onde na primeira aula foram pesquisar sobre vida, obra e teorias dos respectivos autores na internet, no segundo momento cada grupo apresentou seus trabalhos e o que me impressionou foi à criatividade dos alunos e o domínio na hora da apresentação. Alguns grupos utilizaram da TV Pendrive, onde apresentaram figuras ilustrativas do autor e das obras e em alguns casos mostraram exemplos das teorias em seu cotidiano. Outros grupos se utilizaram dos resumos por eles feitos para expor o conteúdo, houve uma boa participação da turma. No final das apresentações fiz uma dinâmica, dividindo a sala em três grupos, onde iriam fazer questões para serem lançadas a turma sobre os autores trabalhados, cada grupo teria um tempo para responder, passa ou repassa. Para escolher quem inicia as questões foi feito o jogo da velha entre um participante de cada grupo, quem ganha começa. Questionados sobre a forma de trabalho os alunos aprovaram, por isso imagino que tenha dado certo.

É possível destacar que o ensino amarrado às práticas de pesquisa, as atividades em grupos e aos momentos de preparação e reflexão sobre os conteúdos envolvidos é constante nas entrevistas. Neste artigo, apresentamos apenas alguns dos exemplos expressos pelos professores, mas existem muitas outras propostas, como da Professora E sobre cultura e ditadura ou da Professora I sobre as instituições religiosas. Todavia, o mais importante das experiências coletadas é a presença de um aspecto comum nas relações pedagógicas bem sucedidas, aquilo que estamos conceituando como transposição de narrativas. Levando em consideração as observações de Freire (1987) e as observações realizadas nas conversas estabelecidas, as atividades desenvolvidas nas práticas docentes precisam garantir um processo contínuo de desconstrução e construção da realidade concreta apresentada. Em outros termos, a transposição de narrativas corresponde ao movimento do educador e do educando no intuito de desconstruir através do questionamento uma realidade apresentada em um suporte documental qualquer como, por exemplo, em uma pintura, em um texto ou em uma canção, para, em um segundo momento, construir a mesma realidade através das respostas obtidas em

um diferente suporte, fazendo que um desenho se torne um texto, um texto uma música, um poema uma história em quadrinhos.

Em outras palavras, a prática pedagógica precisa desmanchar a pseudoconcreticidade através da problematização e da investigação, para que seja possível a construção de conceitos/conhecimentos que reflitam de forma mais fundamentada o concreto (Kosik, 2002). Fazer isso através da transposição garante ao estudante a decodificação de saberes supostamente naturais e o domínio de elementos que possibilite a ele a nova codificação de um conhecimento de característica social e coletiva. O desenvolvimento de tal postura pedagógica está intimamente relacionado ao cultivo e a formação de professores-pesquisadores, ou seja, de professores produtores dos seus recursos pedagógicos e portadores do entendimento de que o conhecimento é uma construção e não algo cristalizado, que pode ser aprendido, repassado e até mesmo vendido. Assim, os três aspectos destacados neste artigo, o perfil dos profissionais, o entendimento do ensino de Sociologia e as metodologias adotadas, apontam para algumas conclusões iniciais.

A postura do professor-pesquisador representada pela produção de recursos didáticos e pelas atividades pedagógicas destacadas não pode ser mantida exclusivamente pela necessidade, ela precisa ser assimilada como algo essencial no ensino de Sociologia. Não são a falta de materiais específicos ou de uma suposta tradição na educação básica os elementos fundamentais na justificativa do cultivo do espírito investigativo nas aulas de Sociologia, mas o entendimento que o cumprimento dos objetivos propostos para a disciplina só pode ocorrer com valorização da autonomia do estudante. Quanto a estes mesmos objetivos é preciso lembrar que não cabe a Sociologia se colocar como uma iluminação absoluta no meio da escuridão que vive os estudantes. Se as práticas pedagógicas partem do cotidiano não é possível subestimá-lo como o espaço da alienação ou da vida privada (Heller, 1991).

Para finalizar, cabe destacar o papel das universidades neste processo. Dentro de uma realidade marcada pela escassez no que se refere a materiais pedagógicos adequados e de disseminação de chavões educacionais mal fundamentados, é preciso que ela assuma a responsabilidade em acompanhar os seus egressos, oferecendo uma formação continuada e refletindo de maneira conjunta as relações pedagógicas. Cabe as universidades formar professores que saibam exatamente o papel da Sociologia na educação básica, restringindo ao máximo a possibilidade de questionamento e de seu desmerecimento. Além disso, cabe a ela romper com o dualismo histórico que marca a relação entre a formação dos bacharéis e dos licenciados. Assim, tentamos explicitar que a credibilidade da disciplina e a manutenção dela nos currículos dependerão apenas de nós, sociólogos.

NOTAS

¹Doutorando em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professor do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

CARDIN, Eric Gustavo. **Escola e Cotidiano: Notas para o Estudo da Cotidianidade da Educação**. In: Revista *Plêiade*, v. 02, n. 02. Foz do Iguaçu: UNIAMÉRICA, 2008. P. 07 – 17.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2007.

FRAGA, Alexandre Barbosa; BASTOS, Nadia Maria Moura. O ensino de Sociologia na Educação Básica: Análise e Sugestões. In: HANDEAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (orgs.). **A Sociologia vai a Escola: História, Ensino e Docência**. Rio de Janeiro: Quartet, 2009. P. 171 – 183.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HELLER, Ágnes. **Sociología de la Vida Cotidiana**. Barcelona: Ediciones Península, 1991.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MORAES, Amaury Cesar. Desafios para a Implantação do Ensino de Sociologia na Escola Média Brasileira. In: HANDEAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (orgs.). **A Sociologia vai a Escola: História, Ensino e Docência**. Rio de Janeiro: Quartet, 2009. P. 20 – 29.

NIDELCOFF, Maria Tereza. **As Ciências Sociais na Escola**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar Rocha da. Material Didático, Novas Tecnologias e Ensino de Sociologia. In: HANDEAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (orgs.). **A Sociologia vai a Escola: História, Ensino e Docência**. Rio de Janeiro: Quartet, 2009. P. 154 – 170.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. Fundamentos e Metodologias do Ensino de Sociologia na Educação Básica. In: HANDEAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de (orgs.). **A Sociologia vai a Escola: História, Ensino e Docência**. Rio de Janeiro: Quartet, 2009. P. 63 – 91.